



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**DANILO CAVALCANTE DE OLIVEIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA  
NARRATIVA DE UMA ALUNA**

**BRASÍLIA – DF  
2021**

**DANILO CAVALCANTE DE OLIVEIRA**

**A REPRESENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA  
NARRATIVA DE UMA ALUNA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

Orientador: Dr. Rodrigo Matos de Souza

**BRASÍLIA – DF**

**2021**

**A REPRESENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA  
NARRATIVA DE UMA ALUNA**

**DANILO CAVALCANTE DE OLIVEIRA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza  
Universidade de Brasília – UNB  
Orientador

---

Profa. Ma. Ana Carolina Cerqueira Medrado  
Universidade Federal da Bahia – UFBA  
Examinadora

---

Prof. Me. Túlio Felipe Villafañe Ribeiro  
Universidad de Sevilla – US  
Examinador

---

Profa. Ma. Maria dos Remédios Rodrigues  
Universidad de Sevilla – US  
Suplente

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Cavalcante Vicente: você me fez chegar até aqui! Você é minha inspiração maior! Sempre me mostrando que eu também consigo. Fazendo com que eu entendesse que com a educação alcançarei novos lugares para mim e minha família.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Universidade de Brasília, sem ela não conseguiria ter tido um ensino público superior de qualidade, que me proporcionou uma construção crítica frente à realidade atual, por intermédio de professores e estudantes no desenvolvimento de discussões ricas e engrandecedoras.

À minha mãe, Maria, essa mulher incrível e batalhadora que sempre fez de tudo para que eu tivesse o melhor ensino. Nunca deixou de acreditar que eu poderia alçar voos mais altos. Sempre me incentivando e apoiando nos momentos de dificuldades.

Ao meu pai, Luis, sem ele não teria conseguido terminar este curso, agradeço por proporcionar as melhores condições para o meu desenvolvimento pleno, além das sábias palavras que sempre me ajudaram a amadurecer.

Aos professores que passaram pela minha jornada, sem eles não seria quem sou, carrego parte deles comigo, sendo os conhecimentos que cada um me transmitiu, sempre me auxiliando a entender o professor que quero ser, proporcionando uma educação rica e ajudando a ter uma maior autonomia nos meus estudos.

Aos professores e toda equipe técnica da UNB, funcionários da limpeza, segurança, enfim toda a equipe. São essa parte fundamental desse processo e eu não teria tido meu ensino sem eles. Os professores da UNB que tive e me auxiliaram em minha jornada, diversos temas trabalhados neste trabalho é graças a eles. A equipe administrativa que sempre me atendeu bem, tirando qualquer dúvida que tivesse e me auxiliando com meus problemas. Aos funcionários da limpeza e segurança da UNB, sempre realizando seus trabalhos muito bem e com isso me proporcionando um ambiente melhor para meu ensino.

Ao meu professor e orientador Rodrigo Matos de Souza que me apresentou a EJA e me ajudou a saciar minha curiosidade com a EJA e me tornar cada vez mais curioso quanto à educação, auxiliou a expandir o campo de visão sobre a educação, sobre leitura, sobre pesquisa. Por me dar autonomia de escrita, por dar voz às minhas inquietações e por ser um fiel exemplo do que é ser educador.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

## RESUMO

Esta pesquisa iniciou-se com o objetivo central de investigar as representações criadas pela entrevistada sobre o seu processo educativo na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto foi necessário delinear o entendimento que tenho sobre a representação e apresentar um pouco dos teóricos que trabalham com este conceito, tendo um foco principal no Roger Chartier (1990; 1991; 2002), demonstrando assim o que é representação, sua importância e ganhos teóricos que podem ser alcançados utilizando este conceito. Além disso, foi trabalhado com a entrevista narrativa e assim também foi apresentado um pouco desta perspectiva de entrevista, demonstrando a liberdade que há nesta entrevista, tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado. A entrevista foi realizada com uma ex-estudante da EJA, residente de Ji-Paraná – RO, que tem 45 anos e é mulher, que após muitos anos tendo sua educação impedida por ex-maridos, ela conseguiu voltar a estudar e assim enfrentando certos problemas, mas também aprendendo coisas novas e recuperando um pouco da confiança que tem sobre si. Observando como um todo, a representação de Lina sobre a EJA, fica perceptível que ela teve uma boa experiência, não tendo críticas a expor, com isso acabou sendo criada uma representação um pouco utópica. Sendo bastante relatada a ideia da educação ser uma salvação, a EJA sendo o meio para alcançá-la, recuperar o tempo perdido, além de retratar um corpo docente impecável, sempre incentivando e trabalhando todos as dificuldades apresentadas, e uma turma bastante unida, em prol da melhoria em conjunto, realizando grupos de estudos. Contudo, mesmo com esta representação positiva percebeu-se certos tópicos importantes na fala dela que acometem diversas outras pessoas, como o machismo sofrido por ela, o sentimento de inferioridade por não possuir certos conhecimentos acadêmicos, assim como uma melhora ante a esse discurso e os alunos da EJA estão mais novos.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Representação. Entrevista Narrativa. Machismo.

## ABSTRACT

This research began with the main objective of investigating the representations created by the interviewee about her educational process in Youth and Adult Education (EJA). To do so, it was necessary to outline my understanding of representation and present some of the theorists who work with this concept, with a main focus on Roger Chartier (1990; 1991; 2002), thus demonstrating what representation is, its importance and gains that can be achieved using this concept. In addition, it was worked with the narrative interview and thus a little of this interview perspective was also presented, demonstrating the freedom that exists in this interview, both for the interviewer and for the interviewee. The interview was conducted with a former EJA student, a resident of Ji-Paraná – RO, who is 45 years old and a woman, who after many years having her education impeded by her ex-husbands, she managed to go back to school and thus facing certain problems, but also learning new things and regaining some of the confidence you have about yourself. Observing as a whole, Lina's representation of EJA, it is noticeable that she had a good experience, having no critics to expose, with that, a somewhat utopian representation was created. The idea of education being a salvation being widely reported, EJA being the means to achieve it, make up for lost time, in addition to portraying an impeccable faculty, always encouraging and working on all the difficulties presented, and a very united class, in for improvement together, carrying out study groups. However, even with this positive representation, certain important topics were perceived in her speech that affect several other people, such as the machismo suffered by her, the feeling of inferiority for not having certain academic knowledge, as well as an improvement in relation to this speech and the EJA students are younger.

**Keywords:** Youth and Adult Education. Representation. Narrative Interview. Machism.



## LISTA DE SIGLAS

<b>CEEJA</b>	Centro Estadual de Jovens e Adultos
<b>CESAS</b>	Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>FE</b>	Faculdade de Educação
<b>FM</b>	Faculdade de Medicina
<b>RO</b>	Rondônia
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>ULBRA</b>	Universidade Luterana do Brasil
<b>UNB</b>	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MEMORIAL .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>ENTENDENDO A PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>REPRESENTAÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>ENTREVISTA .....</b>	<b>29</b>
<b>5.1</b>	<b>PERFIL DA ENTREVISTADA .....</b>	<b>31</b>
<b>5.2</b>	<b>TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA .....</b>	<b>..</b>
	<b>31</b>	
<b>6</b>	<b>ANÁLISE .....</b>	<b>33</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>8</b>	<b>PERSPECTIVAS FUTURAS DE ATUAÇÃO .....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>46</b>
	<b>APÊNDICE A – GUIA PARA A ENTREVISTA .....</b>	<b>46</b>
	<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO COMPLETA .....</b>	<b>47</b>

## 1 MEMORIAL

Sou Danilo Cavalcante de Oliveira, nasci no dia 1 de setembro do ano de 1997, no Hospital da Unidade de Porto Velho – RO. Meus pais se separaram em 1999, deixando a minha mãe cuidando de mim e do meu irmão, meu pai, em 2006, teve outra filha com a nova esposa dele. Minha mãe nasceu em Cruzeiro do Oeste no Paraná, devido ao projeto de colonização de Rondônia<sup>1</sup>, ela e seus pais foram para Rondônia acreditando nas promessas feitas pelo governo, chegando lá viram que apenas ficava na promessa, não tiveram nenhum amparo do governo, foram colocados em umas barracas no centro da cidade apenas, sendo que, foi prometido a eles um terreno, no fim sentiram-se enganados.

Depois do término do relacionamento entre meus pais, nós (minha mãe, meu irmão e eu) nos mudamos para Ji-Paraná – RO, cidade onde grande parte da minha família materna vive até hoje e onde eu passei a minha infância. Ji-Paraná – RO, no estado de Rondônia, é uma cidade que atualmente tem aproximadamente 130 mil habitantes, eu vivia no bairro Casa Preta, bairro este que na época não era asfaltado e logo na esquina se encontra a BR 364, também conhecida como Rodovia Marechal Rondon.

Neste bairro exerci minha criatividade e curiosidade ao máximo, na época minha mãe estava trabalhando como secretária do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ela ficava em casa poucos dias por mês, nos demais estava em outros estados, eu e meu irmão acabamos ficando bastante tempo livres na rua e com isso brincávamos muito e aprendi bastante, tenho marcas até hoje de algumas dessas brincadeiras.

Minha primeira escola foi a Cooperativa de Educadores de Ji-Paraná (COOPEJI<sup>2</sup>), acredito que eu tenha entrado com 8 anos, não pude entrar com 7 anos por causa de ter nascido em setembro, lembro-me com carinho desta escola, foi

---

<sup>1</sup> Os projetos de colonização agrícola foram implantados em Rondônia, entre 1970 e 1984, em que foi realizado uma ação geopolítica do Governo Militar para estimular o uso mais produtivo da terra e o redirecionamento de trabalhadores sem terra para a área considerada vazia.

<sup>2</sup> Como toda cooperativa, nesse colégio vários professores se juntaram para sua criação, era necessário pagar a adesão e a manutenção da escola, que era ligada ao sistema positivo de ensino, sendo assim utilizavam uma proposta interacionista, na qual o aluno é o protagonista de seu aprendizado.

onde comecei a me afeiçoar ao ambiente escolar e com a educação. Sempre era uma aventura ir para a escola, já que eu tinha que atravessar a BR 364 e como geralmente minha mãe não estava lá íamos eu e meu irmão nesta aventura.

Uma das minhas últimas lembranças de Rondônia foi quando eu ensinei minha prima a ler e escrever, eu acabei entrando antes na escola que minha prima, e com a animação dos estudos queria incluí-la nisto, já que na época era minha melhor amiga, com isto eu comecei a rabiscar no muro da nossa casa, vivíamos todos (minhas duas tias, minha prima, minha avó, minha mãe e meu irmão) juntos em um mesmo terreno, tentei ensinar da mesma forma com que aprendi. Na minha memória ela aprendeu a ler e a escrever tudo naquele momento, mas acho que não foi bem assim. Infelizmente, de Rondônia, eu guardo mais sentimentos sobre, do que das memórias de lá, tenho bastante carinho pelo estado.

O momento de minha vida com memória ativa é após minha chegada em Brasília. Cheguei aqui com 9 anos, foi um período difícil, sair de um estado e ir para outro quando criança não é fácil, na primeira escola que estudei, Escola Classe<sup>3</sup> 8 de Taguatinga, esta dificuldade ficou aparente na forma em que era tratado pelos alunos e professores: era tratado como o caipira, o indígena, o burro; forçaram um sotaque em mim que eu não tinha, acredito que isso ocorreu devido a imagem distorcida da região norte e do interior do Brasil. Neste momento eu fiquei bastante desanimado, não tinha mais os amigos, não podia mais brincar na rua como antes e a escola não era mais um ambiente que me atraía.

Contudo, dois anos depois a situação mudou, passei a estudar no SESI<sup>4</sup>, nesta época o SESI tinha o ensino integral, nesta nova escola me vi em um ambiente que ninguém me conhecia e os preconceitos sobre o meu local de nascimento foram cessando. Eu adorava esta escola, como nunca tive mãe presente em casa (devido ao trabalho dela sempre requisitar viagens), o SESI acabou sendo um refúgio, era um ambiente que eu podia brincar e estudar o dia todo, e na época era tudo o que eu queria.

---

<sup>3</sup> Escola classe faz parte do projeto realizado por Anísio Teixeira para a educação pública de Brasília, em que os alunos teriam um ensino preparatório nas escolas classe no turno matutino e no contra turno iriam para as escolas parques terem um ensino complementar, com disciplinas como música, artes visuais e esportes. Entretanto este projeto não deu certo, principalmente nas cidades satélites, no meu caso apenas tínhamos aula na escola classe.

<sup>4</sup> SESI é o Serviço Social da Indústria que mantém uma rede de 511 escolas que oferecem educação básica, educação de jovens e adultos e educação continuada para os trabalhadores da indústria e seus dependentes em todos os Estados da Federação. Tem como enfoque as necessidades do mundo do trabalho, com foco nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia, arte e matemática.

Percebo hoje que aqueles preconceitos sobre o meu estado diminuíram, mas outros continuaram, durante todo meu processo educativo os meus ganhos educacionais foram desvalorizados, em alguns momentos foi por sorte, em outros foi por trapaça, nunca por mérito próprio.

Outro preconceito no meu processo educativo está na minha aparência, e manifestava-se no racismo, nunca podia deixar minhas características africanas à mostra, tinha que sempre tentar aflorar o pouco da minha ascendência branca, pois assim eu poderia ter o mínimo de valorização. Esses preconceitos estão presentes em toda a minha educação, apenas apropriam de uma nova roupagem, graças a eles hoje não sei o que sou, vivo em uma completa insegurança quanto à minha identidade, se sou preto ou se sou branco.

No SESI fiquei dois anos também, isto virou algo recorrente na minha educação básica, esta foi a escola que mais me desenvolveu seja como aluno ou pessoa, nela foi aflorado a minha criatividade, com os projetos de ensino complementares (como aula de robótica com Lego<sup>5</sup>, informática, entre outras), e por eu passar o dia lá acabei melhorando nas minhas habilidades sociais, nesta escola foi a única em que eu não fui introspectivo, tive vários colegas e amigos, entretanto assim que eu mudei de escola não falei com mais nenhum deles e na nova escola mudou bastante a realidade que eu tinha.

A nova escola e a última do meu ensino básico foi o Colégio Projeção<sup>6</sup>, esta foi a escola que estive por mais tempo, durante 5 anos, nela eu fiquei os últimos dois anos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio todo.

O meu Ensino Médio foi algo completamente novo para mim, diferente do SESI, o Projeção o foco era a avaliação, fazíamos teste e simulados regularmente para treinarmos para o ENEM e o vestibular da Universidade de Brasília – UnB, para mim foi no Projeção que comecei a ouvir falar da UnB, lá foi criado em mim uma mística sobre essa universidade em que ela era o objetivo e nada menos que ela deveria ser aceito, este sentimento era algo presente em todos os alunos da minha turma, no fim apenas 7 alunos, contando comigo, de uma turma de 40 alunos entraram na UnB.

---

<sup>5</sup> Lego é uma empresa da Dinamarca, que foi fundada em 1932, pelo Ole Kirk Kristiansen, essa empresa cria brinquedos de montar que, de acordo com a companhia, estimulam o aprendizado, a imaginação, a criatividade e a diversão para as crianças.

<sup>6</sup> Projeção é uma instituição de ensino particular criada e localizada no Distrito Federal, que realiza desde o ensino infantil até o ensino superior.

A escola em si foi tranquila durante esse período, o que complicou meus estudos dessa vez foi a minha vida pessoal, logo no primeiro ano do Ensino Médio minha mãe foi demitida injustamente do seu trabalho e com isso nos vimos em uma situação de que tínhamos que voltar para Rondônia, já que não tínhamos casa em Brasília, este sentimento ficou presente aquele ano inteiro, graças a isso foi o ano mais difícil do Ensino Médio para mim. Minha mãe entrou na justiça contra a demissão dela e conseguiu um acordo, com isso compramos um terreno em Vicente Pires, mas isto só ocorreu no fim daquele ano.

No meu segundo ano do Ensino Médio a minha rotina mudou drasticamente, com o terreno comprado agora tínhamos que construir uma casa e isto era feito em qualquer momento que tínhamos livre, então assim que eu voltava da escola eu ia fazer cimento ou então levar tijolo, cerâmica, telha e etc. Ficava ajudando na construção das 13h até anoitecer, lembrando agora eu sinto certo carinho por esse momento, mas na ocasião foi bastante complicado, além de ajudar na construção eu tinha que andar 5 km para ir até a escola e para voltar dela, e esta caminhada ficou presente no restante do Ensino Médio.

Por fim, o terceiro ano foi o mais simples para mim, minha vida tinha voltado a certa normalidade e com isso pude focar mais nos estudos e nas minhas amizades, acho que o único ponto relevante foi uma amizade que fiz com o professor de Português, ele ajudou a desconstruir um pouco a imagem que havíamos criado sobre a UnB, mostrando que é apenas uma universidade como qualquer outra e que caso eu não entre não é o fim do mundo.

O meu Ensino Médio foi exaustivo, a escola durante aquele período virou meu refúgio, onde eu podia descansar, foi o momento que eu comecei a pensar em trabalhar como professor, pois queria poder ajudar os alunos como a escola me ajudou naquele período, mesmo que não tenha ocorrido nada de mais na escola, só por ela ter continuado a mesma enquanto a minha vida tinha mudado radicalmente ajudou bastante, inclusive isso se refletiu no meu último dia: eu já tinha sido aprovado na escola em novembro e com isso eu ia sair da escola, meu professor amigo sabendo disso resolveu fazer um discurso em sala de aula dando tchau aos alunos já aprovados e ele foi lembrando o meu Ensino Médio e eu fui ficando cada vez mais emotivo até que eu acabei chorando, eu tive um forte sentimento de alívio, sentia alegria por ter conseguido terminar o Ensino Médio da forma que ele foi, comecei a lembrar das dificuldades, foi algo único na minha vida.

Com o fim do Ensino Médio começa um dos piores semestre que já tive, eu não consegui entrar na UnB assim que terminei a Educação Básica e isso acabou comigo, na minha cabeça o único caminho que eu poderia fazer era ir para a UnB, com isso em mente, eu peguei todas as minhas economias e entrei em um cursinho pré-vestibular.

O cursinho era matutino e focava apenas nos conteúdos do vestibular, minha rotina nova era chegar (4 km) lá às 7h, ter as aulas, almoçar algo barato que encontrasse lá perto, ficar estudando até às 19h e voltar para casa (4 km). Com isso, minha rotina acabou sendo ficar quase 12 horas focado em estudos e por ser um cursinho a todo momento eu duvidava de mim mesmo, parecia que todos que estavam lá eram melhores que eu, se eu saísse cedo da sala de estudos era julgado por olhares, os professores diziam que se eu não soubesse um conteúdo não iria passar, era comum alguém desmaiar por lá.

Foi neste ambiente que eu entendi tudo que desprezo na educação, esse foco absurdo na aprovação em uma universidade ou na avaliação federal, o cursinho foi uma exaltação deste comportamento que já ocorria e ocorre nas escolas e com isso me via como a grande maioria dos adolescentes também se vê: doente mentalmente, cheio de inseguranças sobre mim e sobre o futuro. E fui assim até o dia do vestibular. Quando terminei a prova senti um forte alívio, não por achar que tinha ido bem, mas sim por finalmente ter acabado isso, tinha me decidido que se não conseguisse dessa vez eu não tentaria de novo, acho que eu já estava desistindo da UnB, não achava que eu era inteligente o suficiente, e no fim eu consegui.

Acho que é importante eu relatar o porquê de ter escolhido Pedagogia, a princípio eu queria ser professor, pensei em história ou química, mas pensando nas possibilidades fui conversar com um amigo que fazia Pedagogia e ele me recomendou ler *A Pedagogia da Autonomia* do Paulo Freire, ele me disse que se eu gostasse desse livro eu poderia ir sem medo para o curso e foi assim que aconteceu, li o livro em 2 dias e adorei.

Nos primeiros semestres em que estive na UnB foi só alegria, afinal estava na faculdade de que tanto falavam, fui me apaixonando mais pelo curso e conhecendo mais a universidade. Todavia, a partir do 3 semestre deixei de relevar certas coisas que aconteciam, fui vendo que a UnB e o curso de pedagogia tem graves problemas para mim, sinto que tem uma certa máscara na universidade, em que parece que é

um local em que tudo é possível e que todos são aceitos, porém no fim ela não deixa de ser um local que sofre dos mesmos problemas que a sociedade, continua tendo os mesmos preconceitos, continua favorecendo certas pessoas em detrimento de outras, acho que um bom exemplo desse favorecimento é comparar a área de cada curso, chega a ser triste comparar a FE (Faculdade de Educação) com a FM (Faculdade de Medicina), mas esse favorecimento também ocorre dentro do curso, em que para conseguir certas coisas a amizade com o professor acaba sendo imprescindível. Mas todos esses problemas que apontei são compreensíveis, afinal a UnB é parte da sociedade, então não tem como ela fugir desses problemas.

Acredito que nesse período evolui bastante, tanto pessoalmente quanto profissionalmente, tive aulas que me acompanham até hoje e graças à experiência dos estágios hoje consigo achar que posso dar uma aula, mesmo com as dificuldades que presenciei penso que foi um momento bastante proveitoso e sentirei falta.



## 2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O surgimento do tema para mim se deu em 2019, ano em que tive uma breve experiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante o ano me intrigou a forma com que os alunos se viam naquele âmbito, se tratavam com certa autodepreciação, na qual estarem lá representava uma falha deles e em alguns momentos se diminuíram em relação a mim, o estagiário, deixando a entender que por estar em uma universidade eu era superior, conversando com os professores que os educavam percebi que isto era algo normalizado por eles e nada era feito a respeito.

Há um acontecimento que se deu no meu período de estágios obrigatórios, com o tema de EJA, ocorreu no Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul, que me influenciou bastante a começar esta pesquisa. Eu estava conversando com uma das alunas depois da aula, sobre o atual presidente do Brasil, em um momento da conversa a aluna me perguntou “por que está falando comigo? eu nem sei ler” dando uma leve risada. Isso me levou a questionar os ocorridos com ela para chegar neste ponto: os abusos sofridos, as consecutivas reprovações, suas questões internas, os preconceitos, entre outros elementos que constituem a história de vida dessa pessoa.

No meio dessas reflexões todas me vi recordando do meu próprio passado e refletindo sobre certos preconceitos que sofri, tanto de professores quanto por instituições, percebo hoje que isso tudo influenciou na imagem que eu tinha de mim mesmo e por consequência no meu desempenho educacional e em minha vida, acabamos ouvindo tantas vezes sobre sermos incapazes e inferiores que em um certo momento acreditamos nisso.

Após esse momento reflexivo sobre a fala dessa pessoa eu tive a certeza que seria sobre isso que eu iria pesquisar. Inicialmente a intenção era trabalhar com o conceito de autoestima, em que relacionaria essa imagem que eles têm de si como uma baixa autoestima naquele âmbito, contudo pesquisando e conversando com meu orientador percebi que o que queria entender era a representação que eles têm desse percurso formativo que passou e os afetou, assim conforme fosse analisado

essa representação poderei analisar certas características expostas pela pessoa entrevistada.

Conforme foi sendo realizado as leituras notou se que seria necessário uma entrevista mais flexível e informal, precisava que a pessoa se sentisse livre para relatar tudo que lembrava e achasse importante, pensando nisso comecei a pesquisar sobre a entrevista narrativa e rapidamente foi percebido que esta seria a entrevista utilizada, por ser uma entrevista não estruturada em que o foco é a captação da narrativa da pessoa entrevistada, assim compreendendo como um todo as experiências vivenciadas pela pessoa em questão, assim conseguindo analisar e identificar as estruturas sociais que formam essas experiências.

O presente trabalho foi dividido em 8 capítulos, sendo o primeiro o memorial educativo que já apresentei minha trajetória educacional e abordei desde o começo em Rondônia até a Universidade de Brasília.

O segundo capítulo se limita a apresentar a origem desta pesquisa, explicando o acontecimento por trás dela, e discorro sobre como irá ocorrer a apresentação dos fatos pesquisados.

Entendendo a pesquisa, terceiro capítulo, é focado em realizar uma breve explicação sobre a pesquisa, abordando a pergunta da pesquisa (Como uma educanda da EJA representa seu percurso formativo?), o objetivo que será alcançado com esta investigação e a metodologia utilizada para alcançar este objetivo.

Será exposto o conceito representação, focando em uma perspectiva histórico-cultural realizada pelo autor Roger Chartier (1990; 1991; 2002), também foi utilizado outros autores que trabalham com a ideia exposta por Chartier, como: Coelho (2014), Makowiecky (2003), Matos-de-Souza e Hernández-Carrera (2017). Com estas definições foi construída uma breve explicação dessa concepção, ressaltando pontos que acredito serem mais relevantes para esta pesquisa.

O foco do capítulo será a entrevista, o tema será a entrevista narrativa, mostrando a percepção de alguns autores com esta entrevista, sendo eles: Eugenio (2017), Trindade (2017), Flick (2012), Weller e Otte (2014). A partir dos estudos desses autores foi demonstrado as qualidades presentes nessa entrevista, mostrando assim a razão para ter sido escolhida. Também será apresentado o perfil

da pessoa entrevistada, podendo assim criar uma imagem mental desse indivíduo, para em seguida ser apresentado à transcrição da entrevista.

A análise realizada possui um capítulo próprio em que será relacionado às experiências relatadas pela entrevistada com os conhecimentos já pesquisados na EJA, ocorrendo citação de autores para embasar certas falas feitas.

Por fim, teremos as considerações finais e as perspectivas para o futuro, o desfecho deste trabalho acadêmico, fazendo um balanço sobre o trabalho finalizado e avaliando se o objetivo levantado foi alcançado, se as hipóteses foram confirmadas, entre outros, relatando também um pouco sobre a minha experiência na realização deste TCC durante o momento que vivemos e sobre minhas expectativas para o futuro.

### 3 ENTENDENDO A PESQUISA

Durante os estágios que realizei, percebi uma certa negatividade sobre si mesmo por parte de alguns alunos por não ter realizado o ensino básico quando jovem, isso me fez indagar diversas vezes o por que deste acontecimento, durante a entrevista para essa pesquisa também me ocorreu isso, me fazendo refletir sobre: Como uma educanda da EJA representa seu percurso formativo?

Assim começa esta pesquisa, que procura investigar as representações criadas pela entrevistada sobre o seu processo educativo na EJA, por meio da análise das experiências relatadas na entrevista narrativa. Buscando entender como suas relações pessoais afetam sua educação, assim como começou certas visões que tem de si mesma e avaliando sua educação na EJA.

Para alcançar os objetivos citados foi realizado uma identificação dos conceitos acerca da representação, do entendimento de como as relações pessoais influem na vida da entrevistada, também identificando a visão dela mesma neste âmbito educacional e social, e apontando a influência desta imagem pessoal no seu processo educativo.

Em relação à Representação iniciou se com a busca dos textos escritos pelo Roger Chartier, tentando assim entender a concepção dele sobre a representação, comecei lendo o texto **O mundo como representação**, após esta leitura segui para **A História cultural: entre práticas e representações**, também escrito pelo Roger Chartier( (1990; 1991). Posteriormente busquei em catálogos de teses e de artigos trabalhos brasileiros que lideram com a temática da representação, o primeiro encontrado, meu orientador recomendou e me ajudou bastante, foi **Representações de percursos formativos de leitores universitários**, escrito por Matos de Souza e Hernández Carrera (2017), nele pude perceber maneiras de se trabalhar com esta concepção, entretanto também encontrei outros textos incríveis brasileiros como : **Representação: a palavra, a idéia, a coisa**, Makowiecky (2003); **O conceito representação e sua contribuição à análise do jornal sem terra**, Coelho (2014), entre outros.

Quanto a entrevista narrativa, não teve um pesquisador central, diversos autores me auxiliaram na construção de minha concepção quanto a entrevista

narrativa, iniciando com **Entrevista cualitativa y la investigación en educación de adultos**, dos autores Carrera, Souza e Clementino de Souza (2016), logo após foi **Entrevista narrativa**, escrito por Jovchelovitch e Bauer (2002), para em seguida encontrar um dos textos que mais me auxiliou, **A entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em educação** de Eugenio e Trindade (2017), contudo diversos outros me auxiliaram, cito: **Introducción a la investigación cualitativa** de Flick (2012); **A narrativa e a construção do conhecimento histórico** da Molina (2014), entre outros.

No que se refere à análise da entrevista, ocorreu-se uma busca de obras que tratavam de temas levantados pela entrevistada, tratando assuntos como machismo e sua relação com a educação, desconsideração dos conhecimentos prévios do educando, rejuvenescimento da EJA, entre outros; Para isso foi utilizado pesquisas de diversos autores em conjuntos, cada um trabalhando o mesmo assunto, porém da sua maneira, em especial cito: Paulo Freire (1987; 2000); Segatto, Souza e Azambuja (2012); Rodrigo Matos de Souza (2013; 2019). Esses e diversos outros autores me auxiliaram na compreensão e argumentação dos temas levantados pela entrevistada.

O próximo capítulo, chamado de **Representação**, tem como intuito realizar uma breve explanação acerca do conceito representação, assim será abordado diversos autores que o definem, contendo também alguns exemplos para estas definições, e a partir destas concepções surgirá o meu entendimento sobre.

#### 4 REPRESENTAÇÃO

Makowiecky (2003, p.3) explica que a palavra representação tem origem do latim (*repraesentare*) em que significa “fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto”. Essa definição percebemos que a representação não realmente a coisa, mas sim uma lembrança a ela, isso é muito bem exemplificado com a obra surrealista do artista belga René Magritte *Ceci n'est pas une pipe* (Isto não é um cachimbo, tradução nossa), que faz parte de uma série de pinturas chamada A Traição das Imagens:

Figura 1 – *Ceci n'est pas une pipe*



Fonte: René Magritte (1929).

Em sua obra há um cachimbo pintado e o artista coloca uma afirmação relatando que o que está sendo apresentado não é um cachimbo, dessa forma penso que a mensagem que o artista quis passar com essa obra é que a arte não é a realidade em que vivemos e sim uma representação dela. Relacionando com a citação de Sandra Makowiecky (2003), a obra em questão está tornando presente o cachimbo que de modo concomitante não está presente.

Coelho (2014, p.168) relata que este conceito vem sendo pesquisado, polido e trabalhado, há bastante tempo ao longo do qual a “representação” tem auxiliado diversos estudiosos a compreenderem a dinâmica e a complexidade do mundo social e das práticas culturais.

Nos tempos de hoje a definição para representação não se tem um consenso, há dois campos teóricos sendo eles: Psicologia Social e História Cultural. Segundo Matos-de-Souza e Carrera (2017, p.41-42):

(...) a História Cultural, que toma o conceito de representação da tradição filosófica, parece não ter tantos problemas em propor sua definição, já que não pretende que a representação delimita seu campo de atuação - o que ocorre com o campo das Representações Sociais, oriundo da Psicologia Social, que toma o conceito como a base para os sistemas que constrói ao mesmo tempo em que este conceito nomeia a abordagem proposta por este grupo.

A História Cultural não tem o problema quanto à definição da representação, como citado acima. Entendendo a diferença entre estas duas visões, a constituição teórica deste trabalho alinha-se com a História Cultural utilizando, majoritariamente, os estudos realizados pelo Roger Chartier (1990; 1991; 2002), esta decisão foi realizada devido a ter uma similaridade maior com a perspectiva histórica do que com a Psicologia Social e por entender que a História Cultural conseguiu propor uma definição mais consistente e não pretende restringir meu campo de atuação, me permitindo assim uma maior liberdade em meu estudo.

Para Chartier (2002, p.165) representar é entender as coisas através de “uma pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por marcas”, como exemplo tem os enigmas, os emblemas, as fábulas e as alegorias. Makowiecky (2003, p.3) complementa este conceito dizendo que “Por um lado, a ‘representação’ se faz às vezes da realidade representada e, portanto evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a

presença”, portanto a representação é um meio de tornar visível realidades que vem sendo apagadas e invisibilizadas.

Há também a perspectiva de Le Goff (1994), em que a representação abrange todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior notada e ligada ao processo de abstração, Makowiecky (2003, p.4) acrescenta dizendo que:

O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho.

Com essa citação é perceptível a maneira com que nossa mente se utiliza de representações do real, como imagens e discursos, para compreendermos algo imaginário, entretanto, este real não são manifestações literais da realidade.

Castoriadis (1982, p.380) argumenta que “não há 'logicamente' pensamento sem figuras, esquemas, imagens, imagens de palavras” demonstrando assim a relação entre o pensamento e a representação, em que a todo momento nossa mente está se utilizando de representações para ilustrar nossos pensamentos abstratos. Le Goff (1994) complementa este conceito, relatando que nós utilizamos do abstrato, do irreal, para representar o real. Um exemplo para isso são as obras artísticas abstratas, em que tem como característica principal a representação das formas de maneira não real. Uma obra para citar é A Grande Cidade Iluminada (1953), do artista brasileiro Antonio Bandeira:

Figura 2 – A Grande Cidade Iluminada





Fonte: Antônio Bandeira (1953).

Nesta obra, ao contrário da citada anteriormente, não há uma tentativa de realizar uma representação fidedigna da realidade, essa pintura tem o intuito de representar de forma abstrata a visão do artista sobre as luzes de uma grande metrópole. Sendo capaz de transparecer além da realidade, podendo ser o sentimento que teve na sua primeira vez observando as luzes de uma grande cidade.

Vendo esse quadro, lembro de minha primeira vez em Brasília, havia tantas luzes dos prédios, carros e propagados, essas luzes se movimentavam, eu sentia que estava no meio de um céu estrelado, com estrelas cadentes e tudo mais, e essa obra representa para mim este sentimento abstrato que tive na infância, exemplificando assim a versatilidade da representação, não a limitando somente na realidade em que vivemos.

Segundo Chartier (2002) a própria palavra representação porta duas definições de sentidos, a princípio, contraditórios. Primeiramente, representação no sentido de visualizar a ausência, diferenciando o que representa e o que é

representado. O outro sentido diz respeito à exposição de uma presença, apresentação pública de uma coisa ou pessoa.

Pesavento (1995, p.15) elucida e simplifica um pouco todo este conceito:

Ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um 'outro' ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, portanto, envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações (Castoriadis), processo este que envolve uma dimensão simbólica.

Nessa referência, percebe-se uma continuidade da ideia que a representação não é o real, é uma lembrança dele. Assim ela continua relatando que este processo se dá entre a relação que existe através da representação realizada, imagens ou palavras, com seus significados, a ideia que a representação remete.

A representação e a construção da realidade social, "(...) Bourdieu (2006) identifica o 'poder das representações' na construção da realidade social, na medida em que podem contribuir na produção daquilo por elas descrito e designado" (COELHO, 2014, p.169). O autor nessa referência expressa que as representações acabam tendo uma influência e assim intervém na própria produção daquele que ela está representando, esse poder atua também na construção da realidade social.

Seguindo este mesmo viés Chartier (2002) discorre sobre a possibilidade das representações serem construções sociais da realidade. Nesta ideia os sujeitos amparam suas perspectivas de mundo a partir dos seus interesses e de sua comunidade. Coelho (2014, p.169) complementa dizendo que:

Desta forma, os sujeitos e os grupos aos quais eles pertencem criam representações de si mesmos e de outros grupos, fundamentando suas visões de mundo sobre as experiências históricas. As representações visam construir o mundo social, sendo elas matrizes dos discursos e das práticas dos grupos. Assim, compreender as representações dos grupos é compreender como o mundo dos mesmos é construído socialmente.

O autor expõe que grupos sociais criam representações de si mesmo, e de outros. Entender essas representações é uma forma de compreender a formação

social deste grupo. Alegando assim a importância do trabalho com a representação, sendo um possível modo para alcançar o entendimento sobre um grupo social.

“As representações podem ainda ser apropriadas ou impregnadas de uma direção socialmente motivada, situação que remete a outro conceito fundamental para a História Cultural, que é o de ‘ideologia’” (BARROS, 2005, p.137). Com esta referência percebe-se que devesse estar atento que as representações podem estar impregnadas com as ideologias pessoais do indivíduo, cabendo assim ao pesquisador entender como irá trabalhar isso.

Bourdieu (2006) complementa, dizendo que existe um “jogo”, entre a produção das representações e a existência de crenças que as sustentam, com isso, no “campo social” acaba existindo as “lutas de representações”. Chartier (2002) relata que as sociedades são compostas por distintos grupos e eles expressam diferentes interpretações sobre o mundo, essas diferentes interpretações acabam se conflitando e com isso dando origem às lutas de representações.

Chartier explicita que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio” (1990, p.17), seguindo esta ideia, ele ressalta que é importante compreender a posição de quem fala antes de tudo. Neste mesmo viés, Bourdieu (2006) observa que a partir das “lutas pelas representações” tem-se uma problemática principal que é relativa ao “ordenamento” que levaria a “hierarquização” da própria estrutura social.

Por meio desta explanação sobre as lutas pelas representações, percebe-se que nem toda representação tem peso igual, devido a hierarquização, umas são melhores que outras e com isso certas representações, geralmente de minorias e grupos discriminados, são ocultadas e desvalorizadas, como dito por Bourdieu (2006).

Deve-se levar em conta que “As representações estão localizadas no tempo e são social e historicamente construídas pelos sujeitos e seus respectivos grupos” (COELHO, 2014, p.169), o intuito deste trabalho é compreender a representação da EJA construída pela entrevistada.

A representação é algo individual e baseia-se nas experiências pessoais, seguindo este viés, cada representação é única em sua forma, não sendo uma generalização sobre o que é representado.

No próximo capítulo será apresentado uma breve explanação acerca da entrevista narrativa, expondo alguns pesquisadores dessa temática, ocorrendo assim uma tentativa de explicar as qualidades da entrevista narrativa, as razões que me fizeram escolhê-la e seu funcionamento. Também será apresentado o perfil da entrevistada, construindo assim uma imagem desta pessoa, e por fim, o capítulo termina com a transcrição da entrevista, sendo relatado como ocorreu essa transcrição e onde pode ser encontrada no corpo textual.

## 5 ENTREVISTA

Este trabalho foi construído a partir de uma entrevista narrativa, sendo assim a entrevista será não estruturada, o foco deste diálogo será entender de forma detalhada todos os aspectos relevantes sobre a representação que a entrevistada tem do ensino da EJA e de si mesmo durante esse período.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002) a narrativa tem sua origem na poética de Aristóteles e está vinculada com a crescente consciência do papel que o contar história desempenha na produção/compreensão dos fenômenos sociais. A narrativa tem uma grande importância na construção de conhecimento também, principalmente no conhecimento histórico, desde a origem deste conhecimento já estava associado à ideia de narrativa. Contudo Molina (2014, p.66) ressalta que “a narrativa não se limita à construção de conhecimento apenas no âmbito da história”. É importante não restringir a narrativa a apenas um campo do conhecimento.

Foi escolhida a entrevista narrativa por se tratar de uma perspectiva que visa encorajar e estimular a entrevistada a contar uma história. Vendo assim a situação em específico, na perspectiva da entrevistada, tentando minimizar a influência do entrevistador. Podendo, dessa forma, perceber os significados subjetivos dados pela entrevistada aos objetos em seu processo educativo e assim entender suas raízes que embasam esse simbolismo (CARRERA, MATOS-DE-SOUZA; SOUZA, 2016).

Eugenio e Trindade (2017, p.121) também complementam dizendo que:

As entrevistas narrativas se propõem, a priori, a trabalhar com fatos sociais, as experiências individuais e coletivas e, sobretudo, com histórias de vida dentro de um contexto sócio-histórico. Elas possibilitam identificar e refletir sobre aspectos característicos a partir dos quais produzem histórias cruzadas entre o individual e o contexto social coletivo.

Os autores realizam uma breve explicitação do que é proposto quando trabalhado com as entrevistas narrativas e das possibilidades que esta forma de entrevista possibilita. A entrevista narrativa propõe o trabalho com experiências, proporcionando assim a reflexão sobre os aspectos mostrados nessa experiência.

Alcançar estes significados subjetivos citados não é uma tarefa simples, como dita por Flick (2012), existem diferentes maneiras dos indivíduos terem os

significados sobre os objetos, podendo ser algum acontecimento ou então uma experiência própria, entre outras.

Pensando nisso que foi escolhido a entrevista narrativa, visto que segundo Weller e Otte (2014, p.327) “a entrevista narrativa busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências”. Se apreende dessa citação a flexibilidade que a entrevista narrativa proporciona, rompendo assim com a rigidez comumente vista nas entrevistas estruturadas, gerando assim textos que nos permitem observar as estruturas sociais que formam as vivências.

Eugenio e Trindade (2017, p.122) relata sobre não ser apenas uma captação de experiências, seja elas individuais ou coletivas, é necessário entender as nuances, “o contexto sócio-político-cultural que produz as experiências narradas”, nas palavras deles “Cada narrativa nos revela uma singularidade, lança um novo olhar sobre o tema a partir da trajetória de cada entrevistado“(EUGENIO; TRINDADE, 2017, p.122). Assim eles demonstram, como a partir de uma narrativa pode-se perceber aspectos únicos sobre os temas trabalhados, já que em cada uma dessas narrativas há a trajetória única do entrevistado.

Para alcançar estas experiências, e por conseguinte entender as nuances relatadas por Eugenio e Trindade (2017), foi necessário a elaboração de questões para caso quando ocorresse uma saturação inicial, já estivesse em mãos certas questões que orientaram para uma narrativa mais detalhada. Nessa perspectiva as questões, além de serem abertas, também contemplavam a pesquisa de modo geral, ocorrendo também interferências como “você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?“, sendo uma tentativa para a entrevistada relatar um pouco mais sobre suas experiências.

Jovchelovitch e Bauer (2002, p.91) relatam que:

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal.

Com essa entrevista alcançarei a construção de dados que minha pesquisa necessita, proporcionando uma liberdade maior para que minha entrevistada se sinta confortável e confiante para contar suas histórias. Penso que diversas vezes a formalidade de certas entrevistas limita e oprime o entrevistado, impedindo assim uma melhor captação de dados, no entanto penso que este tipo de entrevista mostrou-se contrário a isso e assim sendo mais apropriada a minha entrevista.

### **5.1 PERFIL DA ENTREVISTADA**

A entrevistada é uma mulher branca de 45 anos que nasceu em Cascavel, no Paraná, mas já com 11 meses, se mudaram para o interior de Rondônia, em Ji-Paraná. Ela gostava bastante de ir a escola quando criança, sonhava em ser veterinária quando crescesse, mas tinha dificuldade em se concentrar no que dificultava seu aprendizado. Inicialmente ela concluiu o ensino fundamental, mas não pode continuar, pois se casou. Seu marido não deixava ela ir, nesse mesmo casamento ela teve uma filha aos 18 anos, contudo ela faleceu, e com apenas um ano de casamento eles terminaram e ela teve que começar a trabalhar.

Ela sempre quis voltar a estudar e fazer uma faculdade. Somente anos depois, já com uma filha, pode voltar a estudar, na EJA. Ela realizou o 1º e 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Marechal Rondon, em Vilhena, Rondônia, porém, após se casar, novamente seu marido a proibiu de estudar, por ele sentir ciúmes. Só 11 anos depois, quando ela se separou, ela conseguiu terminar o 3º ano do Ensino Médio na EJA, dessa vez na escola estadual 31 de Março, em Ji-Paraná – RO. Ela ainda pensa em fazer faculdade, quer ser podóloga, só não realizou ainda por conta de dificuldades financeiras. Atualmente ela mora em Ji-Paraná – RO, trabalha de manicure e tem duas filhas.

### **5.2 TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

A transcrição completa está presente no Apêndice B – Transcrição completa, também há o Apêndice A – Guia para a conversa, em que tem algumas perguntas mais detalhadas para caso fosse necessário durante a conversa.

Para a transcrição foi utilizado o Google Docs, em que conforme se ia escutando a entrevista pelo meu celular, com um fone de ouvido, estava transcrevendo no editor de texto, pausando ou retornando quando era necessário. Esta transcrição durou cerca de 3 horas.

Na próxima seção será abordado a análise da entrevista, relacionando esta experiência com autores da área, demonstrando assim que esta narrativa, mesmo sendo algo individual, e pessoal, possui diversos elementos relevantes para a EJA que afetam diversas outras pessoas.



## 6 ANÁLISE

A EJA é presente de diversos indivíduos já formados, cada um carregando uma história, um passado. Acredito que seja de imensa importância entender um pouco como esse indivíduo chegou lá, entendendo assim sobre sua formação educacional inicial e também o motivo de não ter continuado os estudos. Por isso, será discutido inicialmente um pouco sobre como ela chegou na EJA, para posteriormente trabalhar sobre a EJA em si. Importante ressaltar que este trabalho não tem intuito nenhum de relatar uma representação geral da EJA, será trabalhado aqui a concepção unicamente da entrevistada escolhida.

Inicialmente a Lina<sup>7</sup> teve bastante dificuldades em seu ensino, morando no interior de Rondônia. Ela relata que faltava luz, além disso, relata que apresenta dificuldades de aprendizado e concentração, dificuldades que continuaram presentes na EJA.

**Lina:** Então, na nossa época era bem complicado né, a gente ia para escola com que a gente tinha, eu tinha algumas dificuldades de aprendizado e concentração, reprovei bastante né, como eu era a menorzinha, então eu sempre tinha dificuldades.

Quando ela tinha 10 a 11 anos, sua mãe decidiu colocá-la em um colégio interno, que ela tem bastante carinho. Segundo ela, foi lá que pegou o gosto pelo estudo, sua rotina neste colégio envolvia estudos em um período e trabalho no outro. Além disso, ela trabalhava para um dos funcionários, como doméstica, para conseguir uma bolsa de estudos. Contudo, quando seu irmão faleceu, sua mãe retirou ela do colégio e nisso ela voltou para um colégio Adventista, local onde ela estudou até o término da oitava série.

O primeiro motivo para ela não ter continuado sua educação se deu logo no término da oitava série, ela se casou neste mesmo ano e seu marido a proibiu que continuasse seus estudos, fato este que se repete novamente com ela no futuro, em

---

<sup>7</sup> Para que eu não fique repetindo a palavra entrevistada exaustivamente, e por acreditar que caso a tratasse apenas como a entrevistada eu estaria desumanizando esta pessoa incrível com quem trabalhei, acabei decidindo nomeá-la como Lina, mantendo assim seu anonimato e sua humanidade.

suas palavras: “coisa de homem ciumento né?”, e também atingiu sua filha mais velha. Por certo que ela não é a única que sofreu com esse impedimento aos estudos, Yasmim Alves (2019, p.21), relata em seu trabalho exatamente o que ocorreu com Lina mesmo não tendo a conhecido, nas suas palavras:

Outro aspecto relevante para essa exclusão é o fato de que os maridos tivessem ciúmes que as mulheres saíssem, pois imaginavam que os ambientes pelos quais elas fossem circular poderiam incentivá-las à traição ou ao contato com outras pessoas que pudessem influenciá-las a tomar atitudes de libertação, empoderamento.

Esta fala demonstra nitidamente que Lina não é a única, milhares de mulheres ainda sofrem com este problema, tendo sua educação impedidas. Christiane Leony (2013) discorre sobre como esse “ciúme” dos parceiros são interpretados por elas como uma forma de atenção, de cuidado, algo brando, e não como uma forma de controle. Leony (2013, p.145) diz que “todas relataram ‘ciúme’ por parte dos companheiros, e, sob esse pretexto, eles instituíram inúmeras restrições às mulheres, isso incluía com quem elas deveriam se relacionar, que emprego ter (ou não ter) etc”, mostrando assim que esse “ciúme” as impede de ter uma vida.

Não é de hoje que mulheres são silenciadas e excluídas de sua educação. Nísia Floresta (1853) já bravejava “educaí as mulheres!”, em sua obra Opúsculo Humanitário. Antigamente isso acontecia para manter a mulher em uma posição inferior ao homem, para inibir qualquer possibilidade de mulher crescer, mas será que mudou a causa deste acontecimento nos tempos de hoje? Será que é só uma “coisa de homem ciumento” como dito por Lina? Paulo Freire (1987, p.25) relata um pouco sobre isso:

É que, para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são ‘coisas’. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos.

O autor assim revela que o opressor acaba desumanizando o oprimido, dessa maneira os únicos que detém o direito de viver em paz são eles mesmo, o restante são apenas “coisas”.

É um processo doloroso que Lina passou e sua filha ainda passa, o homem ciumento, como arquétipo para o machismo, quer manter as amarras na “sua” mulher, mantê-la sob controle, e a melhor forma para manter esse *status quo* é impedindo sua educação, já que a educação é uma prática libertadora.

Pensando agora na representação criada por Lina, iniciasse com uma característica simples e que atrai grande parte do público, a EJA possui uma facilidade tremenda. Nas palavras dela “é acessível, você faz os três anos em um ano só, ou dois anos em 1 ano só”, para uma pessoa que passou 20 anos fora da escola, acredito eu que poder terminar os seus estudos em 1 ou 2 anos seja uma oferta bastante tentadora, uma forma de “recuperar o tempo perdido”. Com isso a EJA acaba tendo uma faixa etária bastante diversa na sala de aula, apresentando jovens, a partir de 15 a 17 anos<sup>8</sup>, adultos, como a entrevistada, e idosos, todos na mesma sala de aula, com o professor tendo que manejar sua aula para esses alunos diversos, tanto em histórias e jornadas quanto em idades.

Interessante notar que Lina possui um sentimento de que, por não ter estudado na idade certa, estava presa no tempo. Para ela retornar a EJA seria uma forma de recuperar este tempo perdido, “então eu acabo recuperando o tempo que eu perdi a muito tempo entendeu” (Lina), em outro momento ela utilizou da frase “correr atrás do prejuízo”. Nas palavras de Leony (2013, p.147) “a educação na idade adulta não é percebida como um direito, mas como recuperação do tempo perdido”, deixando a entender que a educação seria uma espécie “máquina do tempo” para ela, em que conseguirá recuperar todo este “tempo perdido”.

O viés apresentado acima parte do pressuposto que o sujeito da EJA é alguém que precisa sair das trevas, no qual não apresentam conhecimento, e que apenas com a educação conseguirá sair desta posição. Milene Sena e Rodrigo Souza (2013, p.131) argumentam que “este intento é perpassado por uma postura ingênua que não concebe a educação enquanto direito legitimado, vendo os espaços escolares como dádivas da política ‘solidária’ e os educandos agraciados como pelos governantes”. Os autores assim expressam que a educação desse público é um direito deles, contudo na realidade há uma visão de que eles estão sendo agraciados pelo governo.

---

<sup>8</sup> Com a Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010, Art. 5, instituída pelo Ministério da Educação, foi diminuída a idade mínima para ingressar na EJA em 3 anos, sendo 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio.

A Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens e Adultos de 2014/2017 (2014, p.15), pelo governo do Distrito Federal, também contraria esta ideia de recuperar o “tempo perdido”, relatando que:

(...) considerar a Educação de Jovens e Adultos como a oportunidade de reposição do passado, do tempo perdido é desconsiderar seus sujeitos com suas aprendizagens e suas possibilidades de agregar valores ao novo.

Deve-se considerar que não existe o tempo perdido; existe o tempo vivido com outras aprendizagens obtidas em espaços distintos ao da escola. Na memória, as vivências e aprendizagens não estão perdidas; elas estão, a depender da idade, mais amadurecidas e enriquecidas.

Este posicionamento realizado pelo governo do Distrito Federal, propõe uma maior valorização dos conhecimentos de cada indivíduo, respeitando assim os aprendizados do aluno em outros espaços que não a escola, dessa forma contrariando a ideia de que o alunado presente na EJA está recuperando o “tempo perdido”.

Além desta salvação, penso que a EJA passava um sentimento de acolhimento a ela, é visível que para ela a idade que tinha era certo problema. Imagine-se sendo uma pessoa que não estuda a 20 anos, que não leu um livro neste período, o medo de retornar a estudar e ser motivo de chacota é real, porém a realidade se mostrou bastante diferente, a turma se uniu, realizava grupo de estudos, os professores tiveram a paciência e o apoio que ela necessitava, graças a isto tudo Lina pode se sentir acolhida naquele ambiente, criou amizades que perduram até hoje.

**Lina:** Na minha turma os professores eles davam mais atenção, ele se esforçavam mais em explicar entendeu e a nossa turma não, nossa turma tava focado em aprender, alguns seguiram faculdade, (...) mas a nossa turma era mais focada, o professor se animava mais a nos ajudar entendeu, a gente se sentia por exemplo, por ser de idade né, por exemplo, eu to com 45 agora, então a gente fica com mais receio “a, a velha no meio da turminha” e lá não são todos da mesma faixa etária e não tinha discriminação, não tinha piadinha.

Retomo a discussão citada anteriormente sobre a faixa etária diversa na EJA. A Lina tem 45 anos, é uma mulher adulta. Mesmo assim Lina tinha receio de ser “a velha no meio da turminha”, isso demonstra que na realidade há um rejuvenescimento da Educação de Jovens e Adultos, os alunos frequentadores agora são mais novos. Todavia como dito Rodrigo Souza e Vanessa Santos (2019, p.45-46), este rejuvenescimento acaba entrando em contradição:

A adoção por utilizar jovens e os adultos sob um mesmo uso conceitual nos diz algo de como nossa sociedade historicamente viu os jovens, especialmente quando essa lei, que intenta garantir a permanência dos jovens na educação básica, os coloca como um apêndice da existência adulta, o que se reflete em consequências práticas, como o fato de serem colocados desde os quinze anos para estudar com os adultos, o que entra em franco confronto com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que considera que uma pessoa de quinze anos ainda necessita de cuidados e proteção específicos à sua idade.

Esta dualidade é um grande problema que a EJA, em que este jovem necessita ter acesso a educação, para ter um completo desenvolvimento pessoal, mas por não terem conseguido acompanhar a educação na idade certa estes jovens são levados a turmas da EJA, em que estejam estudando com adultos “em pleno gozo de suas faculdades e já conscientes de seu lugar no mundo – quando poderiam estar em turmas regulares com seus pares em igual ou próxima idade e em condições de igualdade” (MATOS-DE-SOUZA; SANTOS, 2019, p.46). Nessa referência, há uma crítica quanto à organização das turmas da EJA, ao invés de colocar os jovens em uma turma com pessoas de idade próximas, os colocam com pessoas mais velhas que já passaram pelo processo de formação que estes jovens estão naquele momento.

Dessa forma esses jovens acabam tendo sua formação pessoal alterada de diversas formas e isto tudo acaba transformando a realidade da EJA e assim gerando um novo tipo de exigência aos docentes que lá atuam. Este problema ainda não é pesquisado em exaustão, é recente a entrada deste tema nos debates, é necessário um maior aprofundamento a este tema, para assim termos uma melhor formação dos docentes que lá irão atuar, pois no imaginário popular a EJA ainda é o ambiente de adultos e idosos, contudo a realidade se mostra bastante diferente.

Segatto, Souza e Azambuja (2012, p.6) relatam sobre essa “busca de um grande número de alunos muito jovens pela EJA”, além de instigar os pesquisadores da educação este acontecimento levanta duas opiniões: Essa heterogeneidade pode ser um fator de crescimento para o desenvolvimento desses jovens, sendo uma oportunidade de conviver com pessoas de diferentes gerações. Ocorrendo uma troca de conhecimento e assim sendo saudável para ambos envolvidos, que pelo relato foi a experiência vivenciada pela Lina; Há também a opinião de que essa chegada dos jovens pode acarretar no afastamento das pessoas. Que a EJA se propôs a qualificar para o mercado de trabalho, assim ocorrendo, novamente, uma exclusão dessas pessoas da educação.

Outra característica notada nas falas de Lina, é sobre um sentimento bastante presente em torno de certas inseguranças dela, “eu tinha aquele tabu, que eu era burra, que eu não conseguia” (Lina), infelizmente na sociedade pessoas que não concluíram os estudos são rapidamente taxadas como burras e, muitas vezes, elas mesmo acabam acreditando nisso também. Paulo Freire (1987, p.28) reforça este acontecimento:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua ‘incapacidade’. Falam de si como os que não sabem e do ‘doutor’ como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais.

O autor mostra a realidade que esses indivíduos passaram, no qual ouviram exaustivamente sobre suas incapacidades por não terem tido uma educação, de tanto ouvirem esse discurso eles terminam acreditando nisso, tratando a si mesmo como aquele que não sabe, assim se colocando como inferior quanto aquele que sabe.

Relembro da origem desta pesquisa, da moça me falando “por que está falando comigo? eu nem sei ler”, ambas ouviram tantas vezes sobre serem incapazes que acabaram acreditando. Isso se dá devido a sociedade impor uma certa grandeza na educação em que apenas o conhecimento acadêmico é válido, logo sem ele a pessoa se torna um ser incapaz, inferior. Um exemplo para isso há o significado da palavra analfabeto no dicionário, em que no 3º significado apresentado diz que é uma “pessoa sem instrução formal, de quem é ignorante ou

grosseiro”. Além disso, quando procurado por sinônimos de analfabeto apresenta palavras como: ignorante, grosseiro, entre outras mais pejorativas. Percebe-se que observando apenas a forma que o dicionário trata desta palavra já carrega inúmeras características pejorativas, diante disso tudo o alunato da EJA continuam tendo seus conhecimentos desprezados e evitados tanto na sala de aula como na sociedade em que vive.

Após retornar aos estudos e ir reaprendendo e aprendendo coisas novas, “eu me senti útil, fazendo a coisa certa” (Lina). Esta frase me impactou bastante, a educação não é apenas acumularmos conhecimentos. Na EJA ela pode retomar a confiança que outrora havia perdido como argumentado acima. “Estar na sala de aula, de acordo com os discursos, é fortalecer a autoestima e (re)construir identidades” (SENA; MATOS-DE-SOUZA, 2013, p.134). Com esta frase percebesse que somente por estar em sala de aula o indivíduo já se fortalece e contraria o discurso que tanto ouviu sobre sua incapacidade.

A educação é muito mais complexa que apenas uma transferência de conhecimento. A educação “ é espaço de aprendizagem, de luta e resistência, de sorrisos e de beleza, é lugar de vida” (SENA; MATOS-DE-SOUZA, 2013, p.137). Essa referência trabalha a escola como um ambiente além da ideia de aprender um conhecimento, é um “lugar de vida”.

Observando como um todo, esta tentativa de expressar a representação de Lina sobre a EJA, fica perceptível que ela teve uma boa experiência com a EJA, não tendo críticas a expor, com isso acabou sendo criado uma representação um pouco utópica. Sendo bastante relatada a ideia da educação ser uma salvação, a EJA sendo o meio para alcançá-la, recuperar o tempo perdido, além de retratar um corpo docente impecável, sempre incentivando e trabalhando todos as dificuldades apresentadas, e uma turma bastante unida, em prol da melhoria em conjunto, realizando grupos de estudos.

Creio que a realidade não tenha sido exatamente assim, penso que havia diversos problemas que o tempo a fez esquecer e focar nas coisas boas, ainda assim foi perceptível certos temas presentes na fala dela e que também estão presentes na fala de diversas outras pessoas do Brasil.

O próximo capítulo tem como objetivo finalizar este trabalho. Abordando um pouco sobre a trajetória complicada para a realização deste TCC, as diversas dificuldades que se apresentaram durante a escrita, as mudanças temporais que

este trabalho enfrentou. Também será apresentado uma retomada da análise, focando em certos aspectos que, em minha visão, foram mais relevantes. Por fim, há uma autocrítica sobre essa obra, expondo certos pontos que penso que poderiam ser melhorados.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve início em 2019, quando estava realizando um dos estágios obrigatórios. Em determinado momento uma das pessoas da sala que eu acompanhava e dei algumas aulas me falou “por que está falando comigo? eu nem sei ler” dando uma leve risada, nesse dia comecei a pensar o porquê dela ter falado isso, assim nascendo esta pesquisa. Trabalhar com a temática de representação só foi iniciada no começo de 2020, antes a intenção era trabalhar com auto-estima, assim como a escrita do TCC em si, concluindo apenas em 2021.

Neste tempo todo citado acima, me vi em uma nova realidade, a quarentena, logo no começo desta nova realidade. Fui consumido por medo e desespero, afogado no meio de notícias e notícias. Via minha mãe triste por não ter mais emprego, término de namoro que já durava 4 anos, cachorro adoecendo e por fim vieram as mortes, perdi meu primo de 28 anos para a Covid 19, perdi também colegas de trabalho que me ajudaram na realização desta pesquisa me motivando a estudar a EJA, e no meio disto tudo estava eu tentando forçar minha mente a escrever esta pesquisa.

Assim concluo este trabalho com uma certa felicidade. Pelo momento que nós encontramos e as dificuldades que temos passado é uma felicidade ter conseguido concluir este trabalho que já levo comigo a algum tempo, em diversos momentos não consegui focar nele, a quarentena dificultou bastante, mas sempre estive pensando sobre e no meu ritmo consegui concluir.

O objetivo desta pesquisa foi investigar como um educando da EJA representa seu percurso formativo. Concluo acreditando que foi alcançado este objetivo, em que a entrevistada, Lina, representa a EJA como um ambiente de acolhimento, em que você pode “recuperar o tempo perdido” (Lina). Acabou sendo uma representação um pouco utópica, mas lembrando que é a representação individual de Lina, a partir de suas vivências e opiniões.

Mesmo em uma representação positiva feita pela Lina podemos perceber certos horrores cometidos a ela, que tenho certeza que persistente até hoje com diversas outras pessoas, a exclusão a educação sofrida por ela em ambos os casamentos demonstra como o machismo ainda está ativo e forte nos dias de hoje.

Além da questão citada acima, percebeu-se uma fala similar de Lina com a da pessoa que me instigou a realizar este TCC, “por que está falando comigo? eu nem sei ler”, como dito por Paulo Freire (1987), ambas ouviram a sua vida inteira sobre serem incapazes, ineptos, deixando a entender que a educação carrega consigo uma virtude de legitimar a pessoa. Após ouvir isto incessante vezes elas mesmas começam a acreditar nisso e a acreditar que são inferiores por isso. Continuando com o viés freiriano, este acontecimento se deu devido a uma inferiorização dos conhecimentos prévios das pessoas, enaltecendo assim apenas os conhecimentos acadêmicos. Dessa forma não se cria uma relação entre os saberes curriculares com a experiência social que cada um tem como indivíduo.

Com a EJA, começa a ser devolvido a Lina um pouco de confiança em si mesma, fazendo ela se sentir “útil, fazendo a coisa certa”. Contudo creio que isso apenas se deu devido a ela ter tido acesso a esse conhecimento tão valorizado que é o acadêmico, seguindo assim com a desvalorização de seus conhecimentos prévios.

Reforço a importância de novas pesquisas nestas temáticas, principalmente os tópicos levantados, como a inibição a educação que a entrevistada teve pelo ex-marido e o risco de vida que ela vivenciava pelo outro ex-marido, que dificultou bastante na conclusão do ensino dela, não conseguindo se concentrar nas aulas. Esta é a realidade de sua filha, ela mesmo cita que sua filha também teve sua educação proibida pelo ex-marido, assim sendo de grande importância novas pesquisas, pois demonstra que há novas pessoas ainda sofrendo com isso.

Gostaria de poder realizar esta mesma pesquisa com outra pessoa que realizou a EJA, podendo assim comparar estas duas representações, acredito que será bastante enriquecedor esta comparação. Espero no futuro conseguir realizar ou ler pesquisas que tratam desta temática, com este intuito comparativo.

Este trabalho já vem sendo desenvolvido há bastante tempo, com isso várias ideias iniciais foram se alterando ou então não se comprovando, eu mesmo me alterei bastante, minha forma de escrever e pensar mudaram. Vivenciei a pandemia, perdi parente nela, enfim, acredito que isto tudo acaba por enaltecer a obra, já que parte dela tem textos meus antes da pandemia e outra parte durante, me sinto orgulhoso por conseguir pelo menos concluir no meio deste período conturbado.

Em seguida terá o último capítulo, que finaliza este TCC, será relatado minhas perspectivas para o futuro, assim contarei a área que gostaria de trabalhar e minha vontade de continuar a estudar.

## 8 PERSPECTIVAS FUTURAS DE ATUAÇÃO

Lembro-me de ter esta conversa com a ex-professora e coordenadora da 1 etapa do CESAS Anna Angélica Oliveira Paixão, que infelizmente faleceu por Covid-19, disse a ela que meu sonho seria já começar atuando na EJA, gostaria de ser focado somente nesta prática, assim como diversas pessoas são focadas na educação infantil, porém ela me auxiliou relatando sobre a realidade não me permitir ser tão esperançoso, a disputa é grande pela EJA entre os professores com mais experiência.

No entanto a pedagogia é um curso amplo e com possibilidade de atuação diversa, meu intuito quando adentrei na UnB era ser professor, continuo com está vontade, contudo agora estou aberto a outras possibilidades também, gostaria de seguir trabalhando com o público de jovens, adultos e idosos, podendo ser em instituições formais ou não formais da educação.

Pretendo realizando mestrado e doutorado, com novos temas, mas sempre voltados para a EJA, escrever artigos, enfim, complementar o campo científico com os saberes que ainda alcançarei e assim auxiliar outra pessoa, como eu mesmo fui ajudado pelos diversos pesquisadores que aqui citei e li durante minha jornada universitária.

Finalizo este trabalho com a certeza de que a área que irei me aprofundar e atuar é a EJA, percebo que nela consigo ser realmente eu, trato de assuntos que acho relevantes e sinto uma maior liberdade no momento de criação de aulas. Assim termino este trabalho, novamente agradeço a todos e espero poder trabalhar novamente com EJA.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Yasmin Cardoso. **Trajetórias de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino**. Trabalho de conclusão de graduação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2019.

BANDEIRA, Antônio. **A Grande Cidade Iluminada**. Pintura. Óleo sobre tela, 1953.

BARROS, José. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p.125-141, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil, 9ª ed., Rio de Janeiro, 2006.

CARRERA, Rafael; SOUZA, Rodrigo; SOUZA, Elizeu. **Entrevista cualitativa y la investigación en educación de adultos**. Horizontes, v. 34, número temático, p.23-36, 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 52, n. 5, 1982.

COELHO, Fabiano. **O conceito representação e sua contribuição à análise do jornal sem terra**. Fronteiras & Debates. Macapá, v. 1, n. 2, 2014.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo, DIFEL, Lisboa, 1990.

CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**, Tradução de Cristiane Nascimento, Estação Liberdade, São Paulo, 2002.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av São Paulo , v. 5, n. 11, p.173-191, 1991.

EUGENIO, Benedito; TRINDADE, Lucas Bonina. **A entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em educação**. Pedagog. Foco, v. 12, n. 7, p. 117-132, Iturama – MG, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 17<sup>a</sup>. ed., 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. Editora UNESP, São Paulo – SP, 2000.

FLICK, Uwe. **Introducción a la investigación cualitativa**. Ediciones Morata, Madrid, 2012.

GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Vozes, Petrópolis – RJ, 2002.

GDF. **Diretrizes Operacionais da Educação de Jovens e Adultos – 2014-2017**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília – DF, 2014.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis – RJ, 2002.

LE GOFF, J. **O imaginário medieval**. Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

LEONCY, Christiane Evelyn Teixeira. **Mulheres na EJA: questões de identidade e gênero**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2013.

MAGRITTE, René. **A Traição das Imagens**. Pintura. Óleo sobre tela, 1929.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa**. UFSC, N° 57, 2003.

MATOS DE SOUZA, Rodrigo; CARRERA, Rafael Hernández. **Representações de percursos formativos de leitores universitários. Quem é realmente o leitor?**, Sevilla, 2017.

MATOS DE SOUZA, Rodrigo; SANTOS, Vanessa. **A Educação de Jovens e Adultos e a juventude no Brasil: Considerações sobre os marcos legais, contextos e contradições.** Currículos, narrativas e diversidade. 1 ed., p.37-52, Curitiba – PR, 2019.

MOLINA, Daniela. **A narrativa e a construção do conhecimento histórico.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2014.

MOURA, Jónata Ferreira; NACARATO, Adair Mendes. **A Entrevista Narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras.** Cad. Pes., v. 23, n. 2, São Luís – MA, 2017.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al . **Narrative interviews: an important resource in qualitative research.** Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 48, n. 2, p.184-189, 2014.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário.** Cortez, INEP, São Paulo – SP, 1853.

PESAVENTO, Sandra J. **Representações.** Revista Brasileira de História. ANPUH/ Contexto, vol.15, nº 29, São Paulo – SP, 1995.

SEGATTO E SOUZA, Carmen; AZAMBUJA, Guacira; PAVÃO, Sílvia. **Rejuvenescimento da educação de jovens e adultos- EJA: práticas de inclusão ou exclusão?** Revista Iberoamericana De Educación, vol. 59, Núm. 2, p.1-7, 2012.

SENA, Milene; MATOS DE SOUZA, Rodrigo. **Alfabetização de Jovens e Adultos: espaço de (re)construção de identidades.** Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, Vol. 1, nº 1, p.119-139, 2013.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. **Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas.** Civitas, v. 14, n. 2, p.325-340, 2014.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Guia para a conversa

Conte-me um pouco de sua trajetória escolar até o fim do seu ensino na EJA, da forma que se sentir melhor.

Caso seja necessário, as questões a seguir orientaram a produção de narrativas mais detalhadas, assim como contribuíram para compreender o percurso de escolarização da entrevistada.

1. Qual a escolarização dos seus pais? Alguém na família tem curso superior?
2. Como o estudo, ir à escola, era tratado pelos seus pais?
3. Inicialmente você estudou até qual ano/série/etapa?
4. Como foi esse primeiro período de estudo?
5. Por que teve que largar a escola?
6. Por que decidiu voltar a estudar?
7. Alguém a apoiou? Como sua família/amigos reagiram a essa notícia?
8. Qual era a sua visão da EJA antes de fazê-la?
9. Quais foram as dificuldades/desafios que você enfrentou para estar e terminar a EJA?
10. Sofreu alguma forma de preconceito durante esse período?
11. Acredita que teve mais momentos bons ou ruins? Por quê?
12. Como você se via naquele âmbito escolar?
13. Em algum momento se sentiu incapaz, inferior, por estar na EJA?
14. Como era o ambiente da EJA? Se sentia acolhida? Fez amizades? Caso sim, ainda fala com eles?
15. Os professores te tratavam como? Eles em algum momento te incentivaram ou desestimularam de alguma forma?
16. Como é sua visão da EJA agora depois de terminá-la?
17. Qual é a visão de você mesma agora que terminou a EJA? Antes era diferente de alguma forma?
18. Há algum momento específico que gostaria de me falar?
19. Tem planos de voltar a estudar novamente? Se sim, o que você tem vontade de estudar?
20. Há mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?



## Apêndice B – Transcrição completa

**Lina:** Oi

**Pesquisador:** Olá

**Lina:** Bom dia

**Pesquisador:** Bom dia, vamos lá, é algo simples assim, é assim é, em resumo a entrevista é só para você me contar a sua trajetória escolar, tipo, do comecinho até quando terminou a eja e como se sentia sobre isso essas coisas, então inicialmente nessa primeira parte você pode falar da forma que você quiser, tipo assim, conta do que você lembrar, do que você acha importante, aí se tiver alguma coisa que eu queira saber eu te pergunto durante, tudo bem?

**Lina:** ta.

**Pesquisador:** É isto, pode me contar um pouco sobre a sua trajetória escolar e tudo mais?

**Lina:** É desde o começo, quando eu comecei do primeiro aninho?

**Pesquisador:** Isso, desde o comecinho, o que você lembrar vai ser importante.

**Lina:** Então, na nossa época era bem complicado né, a gente ia para escola com que a gente tinha, eu tinha algumas dificuldades de aprendizado e concentração, reprovei bastante né, como eu era a menorzinha, então eu sempre tinha dificuldades. Com o passar do tempo, eu fui estudando aí acabei indo para o colégio interno com meus 10/11 anos, por conta de algumas coisas em casa, que não leva o caso eu contar, e por que faltava muita energia né, então a gente ficava mais sem aula do que estudando, na época faltava muita energia.

**Pesquisador:** Isso em Rondônia né?

**Lina:** Isso, essa foi a melhor época da minha vida quando eu fui para o colégio interno que ali eu peguei o gosto para estudar né, no começo foi estranho me adaptar no local só eu, porque, eu não, a gente nunca fazia nada sozinho então a gente sempre tinha medo

**Pesquisador:** Você lembra como era, tipo assim, se você tinha aula à tarde ou de manhã, como era essas aulas?

**Lina:** Então a gente tinha aulas no colégio e os afazeres, então a gente acordava 5h da manhã a gente fazia o culto, tomava o café, quem ia para a escola ia para a escola e quem ia fazer o serviço diário ia para o trabalho, então estudava somente um período, ou de manhã ou à tarde, e ali aprendi, peguei o gosto pelo estudo né, mas aí eu tive que ir embora porque no começo a mãe que pagava o estudo, mas aí foi aumentando foi ficando mais caro e eu consegui fiz amizade com o pessoal da escola tudo e consegui uma bolsa, aí eu era externa, eu trabalhava na casa de um dos funcionários como doméstica e eles pagavam meu estudo, aí de uma hora para outra minha mãe foi me buscar, assim que meu irmão faleceu, demorou um pouco minha mãe foi me buscar, aí eu continuei, fiz a oitava série né, na época estudava no Colégio Adventista, conclui a oitava série teve a formatura, só que aí logo eu me casei, aí eu não estudei mais, aí fiquei sem estudar um como que eu posso dizer muitos anos né, aí enfim, nesse intervalo eu tive uma filha perdi ela faleceu com 1 ano e 6 meses, deixa eu ver mais aí eu me casei com o pai da Alana, não não voltei para escola me separei do pai da Alana, conheci o pai da Jéssica, aliás quando eu me separei do pai da Alana, eu comecei a estudar aí eu fiz o primeiro e o segundo, no segundo ano no CEEJA, eu conheci o pai da Jéssica, aí ele começou a me proibir a ir para a escola, fazendo escândalo na escola, coisa de homem ciumento né, aí eu acabei me envergonhando dos escândalos dele na escola e não fui mais, aí passei mais 11 anos sem estudar, quando eu me separei dele, tem isso tem uns 4 anos, aí eu voltei e terminei o terceiro ano no CEEJA também fiz os seis meses e fiz o terceiro ano.

**Pesquisador:** Você lembra o ano que você começou na EJA e terminou, tipo primeiro ano do ensino médio que você fez na EJA e o último, você lembra os anos?

**Lina:** Ixi não lembro não

**Pesquisador:** Tudo bem

**Lina:** O último ano eu lembro que foi agora, tem o que, tem uns 3 anos que eu terminei, eu fiz o terceiro ano, agora, eu comecei pera aí foi 2004, eu fiz o primeiro ano e o segundo, aí eu conheci o pai da Jéssica e acabei engravidando e tive que parar de estudar.

**Pesquisador:** Por que você decidiu voltar a fazer a EJA?

**Lina:** Além da facilidade que você tem porque quando a gente trabalha a gente não tem como a gente não tem como a gente tá todo dia, todo dia, todo dia, 2, 3 anos na escola né, então foi uma coisa fácil, é acessível, você faz os três anos em um ano só, ou dois anos e 1 ano só, então eu acabo recuperando o tempo que eu perdi a muito tempo entendeu, e assim os professores dá mais atenção, explicam mais, a gente tem na nossa turma todos estão no mesmo lugar, não tá para brincadeira,

então o estudo você aprende mais, você leva mais a sério porque são pessoas mais maduras, do que eu eu fazer o terceiro ou o primeiro ano normal com os outros mais novos, então geralmente os mais novos eles vão para escola, alguns para brincar né perturbar, então no CEEJA não, no CEEJA são pessoas mais maduras que estão querendo correr atrás do prejuízo.

**Pesquisador:** Como é que era lá então, tipo você sentia indo e tudo mais? Alguém te apoiou na hora que você decidiu fazer isso, alguém não apoiou?

**Lina:** Então, assim, a gente não tem muito apoio não né, a gente decide e segue em frente, eu não tive apoio não, mas na escola a gente tem assim, como que eu posso dizer, pelo menos na minha turma os professores eles davam mais atenção, ele se esforçavam mais em explicar entendeu e a nossa turma não, nossa turma tava focado em aprender, alguns seguiram faculdade, eu não consegui fazer a faculdade porque eu tive que é, as condições financeiras não foram boas, ou eu trabalhava ou eu faço faculdade né, duas coisas assim não no meu ramo não tinha como conciliar na época, mas a nossa turma era mais focada, o professor se animava mais a nos ajudar entendeu, a gente se sentia por exemplo, por ser de idade né, por exemplo, eu to com 45 agora, então a gente fica com mais receio “a, a velha no meio da turminha” e lá não são todos da mesma faixa etária e não tinha discriminação, não tinha piadinha.

**Pesquisador:** Você tinha alguma visão da EJA antes de entrar nela?

**Lina:** não, não, não, não tive.

**Pesquisador:** Você sabe alguma coisa sobre antes?

**Lina:** Então eu comecei a, você me perguntou que se eu tive um incentivo, eu lembrei, eu tive sim, o meu patrão que eu tinha uma casa que eu ia fazer a faxina nessa casa quando eu me separei quando eu morava em Porto Velho eu vim de Porto Velho para cá, eu eu comecei a trabalhar em uma casa, eu fazia faxina de duas casas em uma delas era um professor da ULBRA e ele sempre me pegava porque que você não vai estudar, porque que você não volta estudar, você tá nova ainda dá para correr atrás do prejuízo, aí eu falei “ ah não deixa pra frente deixa para frente” sempre desanimada e ele foi pegando tanto no meu pé e começou a trazer informações sobre CEEJA, como que eu fazia tal tal e então ele implantou essa ideia na minha cabeça entendeu, porque na época eu tava tão sem foco, sem nada e ele “não, faz que, você é que hoje em dia, daqui uns dias você, se você não tiver o seu terceiro ano você não arrumar serviço nem para lixeiro, você tem que estudar, Você tem que ser evoluir tal tal” e aí eu, surgiu as matrículas e ele ainda falou “olha a matrícula é hoje você vai fazer?”, eu fui mas eu fui assim meio sabe, vamos ver no que vai dar e aí eu peguei gosto, comecei a estudar e tava gostando.

**Pesquisador:** Você teve algum desafio, alguma dificuldade durante esse período, tipo assim na escola mesmo, os conteúdos e tudo mais?

**Lina:** Sim, muito, muito, muito, muito, eu debatia com os professores do tempo todo principalmente no primeiro ano como, você fica, eu fiquei 12 anos sem ir na escola, 12 anos não mais de 12 anos, 20 anos eu fiquei fora da escola então você perde, você não tem um livro, você não vai ficar vendo matemática, não vai ficar lendo português, o seu foco é trabalhar e ainda mais que eu tinha a Alana pequenininha, então você não fica lendo nem nada até porque eu sou preguiçosa para ler livro, não posso falar, não posso mentir né, mas a gente não tinha, então eu penei bastante, no português na matemática, na época era um professor, professor Carlão, ele foi o divisor de águas que ele fez eu me apaixonar pela matemática, porque eu tinha aquele tabu, que eu era burra, que eu não conseguia, ele pegou no pé de todo mundo, ele tirava tabuada, aquele monte de veião lá e ele tirando tabuada, botou todo mundo para estudar tabuada e a gente foi aprendendo e aprendendo e eu fui pegando o gosto, mas eu senti muita dificuldade, ainda mais na memória, matéria decorativa que é geografia, história, e eu penava muito, mas graças a Deus, eu, minhas notas era boa e eu sou muito, eu cobro muito entendeu, se eu for fazer uma coisa, eu me dedico aquilo ali pra tudo e às vezes eu me cobrava muito.

**Pesquisador:** Na tua turma tinha mais homens ou mulheres?

**Lina:** Eu acho que era meio a meio, no primeiro ano eu tive dificuldade também, porque pessoas mais velhas, dos seus 30 e poucos anos para frente, era eu e mais dois, um senhor e uma senhora, então os mais velhos da turma era nós três entendeu, os outros eram mais jovens, mas graças a Deus que a nossa turma, ele sempre, por eles serem mais novos eles nos ajudaram bastante, fazia grupo de estudo porque na época não tinha esse negócio de celular nem WhatsApp né para a gente fazer um grupo online, mas aí cada um no final de semana se reunia na casa de um, quem tinha dificuldade em matemática ou em português a gente sempre tava estudando, isso me ajudou bastante.

**Pesquisador:** Aí você não sofreu então nenhuma forma de preconceito por ser mais velha ou por ser mulher?

**Lina:** De forma alguma, de forma alguma.

**Pesquisador:** E fora de lá quando você falava que tava fazendo EJA, alguém falou alguma coisa alguma vez? fora da escola?

**Lina:** Bom assim eu não sou muito de amizade né, não sou muito assim de ta prelele com ninguém, mas as poucas pessoas que eu comentava que durante a

semana eu fazia a faxina e final de semana fazia unha, então algumas clientes que eu comentava ela sempre me botava para frente, “não é assim mesmo, tem que estudar, porque hoje em dia você sem estudo você não é nada “ então eu sempre tive incentivo, alguns da família criticava, porque as vezes eu precisava de ajuda para cuidar da Alana e as pessoas ajudavam mas depois ficava jogando na cara pelas costas né, mas aí eu sempre fingia demência, porque eu precisava né, não era bom não, mas.

**Pesquisador:** Você se via de alguma forma diferente por ta fazendo a EJA? Se diminuía ou ficava feliz ?

**Lina:** Eu me senti útil, fazendo a coisa certa, mas sempre escutava “a você não precisava disso não, se você tivesse levado a sério quando você era criança, não quis estudar, dá nisso “, mas não é pessoa de fora, era o pessoal da casa mesmo.

**Pesquisador:** Em algum momento você se sentiu incapaz ou inferior na EJA?

**Lina:** No terceiro ano, que eu mais tive dificuldade, porque assim, porque eu já vinha de alguns problemas emocionais e dificuldade de concentração, então eu passei muita dificuldade para fazer as minhas atividades, as provas, então eu tinha, como o pai da Jéssica depois que eu me separei eu tive que colocar medida protetiva, então eu vivia sob ameaça 24 horas né, ele me perseguindo, ele atirando aqui na frente de casa, eu ia para escola ele ia para o campo me vigiar, então eu tinha pressão psicológica muito grande, então eu tava com muita dificuldade nisso, para você tá lá, você tinha que tá focado né, sua cabeça tinha que tá ali e às vezes não tava.

**Pesquisador:** E na escola como você se sentia naquele ambiente? se sentia acolhida? fez alguma amizade?

**Lina:** Eu fiz bastante amizade, muita amizade, até hoje eu tenho amizade da escola entendeu, sobre isso nunca tive dificuldade de me enturmar, eu sou assim eu vou devagarzinho, sou meio quietinha, eu sou esparafatosa, mas só quando eu pego amizade, devagarzinho no cantinho, aí quando você, como que eu falo, eu tinha habilidade com os os trabalhos manuais né, que por exemplo precisamos fazer uma maquete, uma coisa, então sempre que destaca em alguma coisa as pessoas se aproximam né, então foi assim a gente teve um trabalho que a gente fez sobre uma maquete sobre Guajará-Mirim, a divisa entre Bolívia e Guajará-Mirim, onde que tem o trem né, então a gente tinha que fazer a réplica, eu pesquisei aí, eu fiz casinha, fiz o Trenzinho e fez tudo, então a partir dali é aonde que as pessoas foi se aproximando, não sei se foi por interesse ou coisa, mas aí logo depois a gente teve amizade .

**Pesquisador:** Você acha que lá você teve mais momentos bons ou ruins?

**Lina:** A muitos momentos bons, muito bons.

**Pesquisador:** Sente falta? ou feliz que acabou?

**Lina:** Não, eu sinto falta.

**Pesquisador:** E agora, depois que eu terminou, qual é essa visão que você tem da EJA? Como você pensa nela? se você fosse falar para alguém.

**Lina:** A eu pego no pé da Alana o tempo todo, inclusive Alana fez a matrícula, tá estudando online no CEEJA, porque assim, você que tem oportunidade tem que voltar a estudar, ainda mais ela, ela tem 23 anos, ela tem que correr atrás do prejuízo dela, ela tentou várias vezes estudar e o marido ficava caçando confusão né e agora ela tá separado e tem que correr atrás, então ela tá estudando online também.

**Pesquisador:** Então você recomenda para as pessoas?

**Lina:** Com certeza.

**Pesquisador:** Essa visão era diferente antes? Você tinha algum preconceito ou não, enfim.

**Lina:** Não, não tinha, até porque eu não tinha o conhecimento sobre ele, como eu te falei, foi um ex patrão meu que começou a me falar sobre isso, foi falando, foi falando, até que eu fui, inclusive no dia da matrícula eu fui para o colégio dormir lá para conseguir a matrícula, porque a dificuldade é na matrícula, arrumar vaga, eu não sei como é que tá agora, mas quando eu comecei, eu tive que dormir no colégio para conseguir a ficha para conseguir matricular.

**Pesquisador:** Era bastante concorrido então né

**Lina:** Isso, é que eu não fiz, tinha o CEEJA que você vai lá e pega os material e vai fazendo as provas né, eliminando matéria, eu não, eu queria ir para todo dia na escola porque eu tinha que ter um professor me explicando, porque eu sozinha não dou conta não.

**Pesquisador:** Tem algum momento específico alguma coisa você lembrou que você queira falar? tá livre pode falar o que você quiser.

**Lina:** Tenho não, era só isso mesmo.

**Pesquisador:** Você tem algum plano para voltar a estudar?

**Lina:** Olha eu tenho muita, muita vontade, meu sonho é ser uma podóloga, porque é uma coisa da minha área, que eu sou manicure né, mas aqui na minha cidade não tem faculdade, tem cursos, assim uns cursos preparatórios somente, não tem a faculdade, mas assim o que eu queria ser mesmo era podóloga, quando eu era criança queria ser veterinária né, mas aí as oportunidades não deram certo, aí agora eu faço alguns cursos online essas coisas para me aperfeiçoar no meu trabalho, mas faculdade aqui, para que eu quero não tem e para fora ela não é uma coisa baratinha né, hoje em dia ou você trabalha para comer ou para estudar, então meio complicado.

**Pesquisador:** Os seus pais estudaram até quanto?

**Lina:** Então o pai não estudou, o pai aprendeu a ler e escrever por conta, ele não comenta não, mas o pai não teve, não tem estudo, a mãe, a mãe se eu não me engano ela estudou, que na época não era CEEJA, era MOBREAL, então a mãe estudou, mas assim ela, ela estudou assim, ela ia fazer as provas, então geralmente era a gente que fazia as provas para ela e ela acabou passando pelas coxas né, porque ela precisava do diploma por conta do trabalho dela.

**Pesquisador:** Eles incentivam a estudar ou não?

**Lina:** Então o Danilo, nossos pais são meio assim né, nós fomos criados igual abóbora na rama, então não tinha muita cobrança não tinha essas coisas, eles tavam focados em trabalhar e botar o arroz na panela, matriculou, matriculava a gente, matriculava, comprava o material necessário, às vezes faltava alguma coisa, mas aquele incentivo igual a gente agora em hoje em dia pega no pé, vamos fazer tarefa, tem que ter hora para estudar não, isso a gente não teve não.

**Pesquisador:** Você acha que isso influenciou em alguma coisa ou não?

**Lina:** A influencia, influencia, porque você, o ser humano ele é movida a motivação, se você não tiver aquela motivação aquele impulso, às vezes você dá aquele desânimo, meu pai se separou quando a gente era muito pequeno, então meu pai não tinha muita aquela afinidade com a gente né, ele lutou bastante com os filhos da Laura, ele incentivou, pagou estudo, curso, agora para nós não, a Maria mesmo estudou porque ela se esforçou, a Adeilde porque teve ajuda do Paulo, o Ademilson terminou faculdade também depois de velho, o Ademir ele estudou no Colégio Agrícola, mas incentivo, incentivo, incentivo não.

**Pesquisador:** É isto, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

**Lina: Não**